

ASSIGNATURAS

CAPITAL
Semestre 4\$000
PELO CORREIO
Anno 9\$000
Numero avulso 200 réis
Pagamento adiantado

SUL-AMERICANO

ORGÃO IMPARCIAL

REDACÇÃO

RUA TRAJANO, N. 10 B

A assignatura póde começar em qualquer dia, mas acaba sempre em fim de Março, Junho, Setembro ou Dezembro.

PROPRIETARIO: FRANCISCO D'ASSIS COSTA

REDACTORES DIVERSOS

O POETA

Eil-o sentado á meza do trabalho, fazendo a penna correr por sobre o papel que vai recebendo o pensamento de quem a maneja!

E' o poeta.

No silencio do seu gabinete, completamente alheio ao que se passa lá fóra, elle, entregue ás reflexões, ou canta em mavioso verso as eternas bellezas do Universo, o delicado sentimento da amizade, a grandeza da virtude, o amor que lhe enche o nobre coração, ou os dias descuidados da infancia, os felizes dias da mocidade, as promessas do futuro, a mulher amada, — a mulher que é o complemento da vida do homem!

E elle escreve...

Nas azas da poesia, nessa arte sublime, infelizmente por bem poucos comprehendida, porque a sua linguagem não está ao alcance de todos os espiritos, tal é a sua delicadeza; elle, o poeta, esquecido das vicissitudes da vida, das misérias do mundo, sóbe ás regiões do ideal, a beber inspiração, para, em verso delicado, cheio, artistico, cantar o que impressiona seu espirito, o que fere seu coração, o que faz vibrar as fibras de sua alma generosa e boa!

Eu amo a poesia, porque a comprehendendo, porque, na sublimidade do verso, eu hauro a longos sorvos o aroma das flores; porque, no seu seio delicado e terno, descanso a fronte abatida pelo soffrimento!

Oh! poesia! Arte sublime!

Como Byron, como Alfredo de Musset, como André Chenier, é no teu seio protector e amigo que eu, viajor cansado, repouso a fronte abatida pelo infortunio, busco alivio á dôr que me maltrata, procuro esquecer a dureza do golpe que me ferira.

Arte sublime! Irmã da musica, eu te amo!

No meu ultimo suspiro, no derradeiro arranco, dedicar-te-hei o meu ultimo verso porque tu foste, oh! poesia, quem, desinteressadamente, offereceste nos meus dias de amargura, o seio morno para pousar a minha fronte curvada á dôr, á desventura, á desgraça!

Salve, Poesia!

Aham-se nesta capital, em commissão do ministerio da marinha, o sr. contra-almirante Julio Cesar de Noronha, e capitães de fragata José Ramos da Fonseca e João Maria Bernes de Panabike.



S. S. O PAPA LEÃO XIII

O Summo Pontifice, o Supremo Gerarcha da Egreja, o Chefe da Christandade, completou hontem gloriosamente o seu no- nagesimo primeiro anniversario natalicio.

Nasceu S. S. em Carpineto, Estados Pontificios, no anno de 1810. Sagrado Arcebispo de Damietha em 1843, elle foi transferido mais tarde para a Sé de Perugia, tendo sido antes Delegado em Benevento e Spoleto e Nuncio em Bruxellas. A 20 de Fevereiro foi eleito Papa e a 3 de Março foi coroado, tudo em 1878, deixando nessa occasião o nome patrimonico de Joaquim Pecci para tomar o de Leão XIII.

O seu Senado compõe-se de 70 cardeaes, sendo 6 cardeaes Bispos, 50 Presbyteros e 14 Diaconos.

Causa constante admiração do mundo inteiro a sua energia physica e moral, a lucidez de espirito e actividade prodigiosa no governo da Egreja Catholica.

Seu passatempo nas horas de recreio é principalmente fazer versos com a elegancia de Virgilio e a piedade que lhe mereceo o nome de Pontifice do Rosario.

A sua generosidade é proverbial.

Affirma o *Osservatore Romano* que no dia de Natal o S. Padre distribuiu 51.500 libras de esmola, e durante o anno findo forneceu 367.575 libras em subsidios, dotes, remedios, etc., sem contar a despeza annual do Esmoler Apostolico que tem a seu cargo 9 escolas, 2 asylos e outras obras de caridade em Roma e arrabaldes. Durante a peregrinação do Jubileo mandou distribuir entre os carregadores da Estrada de Ferro 6.000 libras pelo trabalho que tiverão com os peregrinos.

As questões vertentes entre as Republicas do Hayti e S. Domingos pendem actualmente da arbitragem do Sabio Pontifice.

Cada acto de sua vida, cada manifestação de sua robusta intelligencia, cada desdobramento de seu talento e perspicacia, cada revelação de sua actividade e energia, cada obra de sua lavra, é um testemunho vi-

vo de muita sabedoria, de prodigioso senso diplomatico, de grande vitalidade na propagação da fé e na defensão das prerogativas do papado.

Na grande montanha de seculos, para cujas cumiadas olhamos, nunca foram mais illuminados pelo sol da fé, pela luz da intelligencia e pelo alargamento de relações os actos de um pontificado tão sabio.

Hoje, nestes solemníssimos dias 2 e 3 de Março, em que o mundo catholico celebra o anniversario natalicio e a coroação de Leão XIII, saudamol-o com fervor e consignamos-lhe aqui as homenagens de nossa veneração, fazendo votos pela vida e saude de tão eminente como glorioso Pontifice.

Ave, Pontifex!

O Bispo de Goyaz

e o «Sul-Americano»

Abaixo transcrevemos as honrosas expressões contidas em um delicado cartão que o nosso distincto e illustrado patricio D. Eduardo Duarte Silva, Bispo de Goyaz, dirigio a esta redacção, agradecendo os cumprimentos que enviamos a S. Exa. por occasião do seu anniversario natalicio.

Eil-o:

«Tendo recebido o illustrado e sympathico jornal *Sul-Americano*, onde estava, na primeira pagina do n. 68, uma affectuosa saudação pelo meu anniversario natalicio, agradeço cordialmente ao sr. Francisco de Assis Costa, por ter se lembrado do patricio e amigo Bispo de Goyaz, aqui no coração do Brazil.

Fazendo votos pela sua prosperidade e augmento abenço ao sr. Proprietario e illustres srs. Redactores, dos quaes sou patricio e amigo grato.—Uberaba, 23 de Fevereiro de 1901.—EDUARDO DUARTE SILVA, Bispo de Goyaz.»

A' MEU FILHO

Deixei-te vivo, alegre, palpitante,
Vinha rompendo a meiga madrugada;
Como um passaro, no bosque, cantante,
Era a tua existencia idolatrada...

Quanta magua e noite mal passada,
De agonias e dor, febricitante!...
A vida nos parece apunhalada
Pela sorte cruel, anniquillante!

E como da sorte foi, na inclemencia,
Tão triste a tua morte, desastrada
Nos folguedos gentis da adolescencia!

Findaste! E' dura, pois, a tua ausencia,
Mais dura ainda e triste, torturada
Se torna de teus pais esta existencia!

Blumenau, 21-2-1901.

Francisco Margarida.

SAUDE PUBLICA

Para a conservação da saúde é muito necessario manter-se o corpo—quanto for possível—num estado uniforme de temperatura.

Deus nos dotou com sentidos, que nos advertem dos casos em que nos cumpre vigiar pela propria conservação. Razão porque, quando o calor intenso nos soffoca, ou o frio excessivo nos entorpece os membros, procuramos como refrigerio a sombra e o ar fresco, ou o agasalho do lar doméstico e as roupas que nos abrigam dos rigores do inverno.

Si a natureza não nos desse, nas funções particulares dos pulmões e da pelle, o poder de conservarmos o calor do corpo uniforme, em todas as mudanças da temperatura—de pouco, por certo nos serviriam os esforços para minorar os efeitos danosos do excessivo calor.

Quando a transpiração augmenta, o excesso de calor é repellido pelos póros, e os pulmões absorvem o oxigenio, que dá novo calor ao sangue, de modo que as partes internas do corpo, no estado de saúde, se conservam sempre na temperatura de 30 grãos do thermometro de Réaumur.

Vê-se, pois, que a *função excretoria da pelle* é de grande importancia para a saúde; e devemos, consequentemente, conservá-la, porque a *suspensão da transpiração* produzirá, infallivelmente, enfermidades.

Não se deve confundir as particulas superfluas, que o corpo, que tem vida, lança pelos póros, com a humidade visivel chamada suor, por isso que aquellas compõem-se de uma materia imperceptivel a nossos sentidos, que o corpo segundamente distilla por todas as suas partes e que é conhecida por *transpiração insensivel*, ao passo que esta banha-nos o corpo no tempo de grande calor e durante ou depois de algum exercicio violento.

Essa *transpiração insensivel* é a verdadeira excreção da pelle, cuja supressão é a causa mais constante de quasi todas as molestias. Por exemplo, a laxidão do ventre, que muitas pessoas soffrem no verão, é geralmente causada pelo desaparecimento dessa transpiração, e não, como erroneamente attribuem, pela comida de fructas da estação.

A pelle absorve e conduz ás veias e arterias qualquer coisa que com ella tenha contacto, e é por isso que os banhos, escalapés e fomentações produzem effeito immediato no sangue.

A pelle tambem é orgão do tacto e a sensação deste se torna mais aguda, á medida que aquella está mais agasalhada.

Deduz-se do exposto que devemos cuidar attentamente em conservar o corpo com o agasalho correspondente, para evitarmos a invasão de enfermidades, desde que haja variação atmospherica...

E' preciso que todos se convençam, especialmente as mães de familia, que o frio excessivo prejudica a saúde. Embora não se sinta logo o seu effeito pernicioso, está entretanto provado pela opinião de summidades medicas que o grande numero de molestias chronicas, que nos affligem, é devido a frios supportados anteriormente, origem tambem da tísica, que entre nós tem ceifado vidas tão preciosas e está se desenvolvendo extraordinariamente.

Acautelemo-nos, pois.

Sendo muito variavel a temperatura da nossa capital, a unica especie de roupa, que nos póde dar o necessario abrigo, é tecido de lã e a melhor maneira de usal-o é juncto á carne. E' sabido que a lã permite a saída da materia transpirada; tem a propriedade de conservar o calor na carne, em todas as circumstancias, a lentidão em conduzir o calor e a suavidade, ligeireza e flexibilidade da sua contextura.

O algodão deve ser preferido, depois da

lã, a toda especie de roupa branca, pois é o que mais se approxima á natureza d'aquella.

Para roupa branca e interior não ha fazenda peor que o linho, isto é, quanto ao abrigo e conservação da saúde, porque—em sua contextura—demora a materia da transpiração, embebe immediatamente a humidade, causa uma sensação de frio desagradavel na pelle, e por ultimo conduz o calor com muita rapidez.

Examinando-se, com cuidado, as propriedades do linho, chega-se a esta conclusão.

Emfim, devemos evitar o desaparecimento da *excreção da pelle*, e isto obtem-se—como ficou dito—conservando-se o corpo quente com o uso constante de roupa propria.

Por hoje, basta.

ATHAYDE JUNIOR.

«O ESTADO»

Completo ante-hontem mais um anno de existencia, o nosso distincto collega *O Estado*.

Nossas felicitações.

Acha-se enfermo o nosso illustrado collaborador Wescelau Bueno de Gouvea. Lente de portuguez do Gymnasio Catharinense.

Desejamos o seu prompto restabelecimento.

Continuará hoje o bazar que a «Liga Operaria» está promovendo em favor de seus cofres.

Veio trazer-nos suas despedidas o joven João Pedro da Silva que segue para S. Paulo afim de matricular-se nas aulas de Faculdade de Direito.

Feliz viagem.

LUCAS BOITEUX

PRINCEZA

(Esboço romântico)

CAPITULO VIII

Saimos, como bem viram, com aquella vi-
ração tão fresca e d'ahi a pouco saltavamos no
Arvoredo onde boiamos.

Na manhã seguinte saímos bordejando em
procura da baleia, quando lá perto das Galés le-
vantou-se um esguicho medonho!

Lá está ella, gritaram os rapazes.

Viramos de bordo e p'ra lá fomos.

Era um mundo, Nossa Senhora, e tinha um
filho.

Apromptou-se a espia e o Chico Manduca
que era *luruna* pegou no arpão.

Ferramos o panno, passamos a espia na ban-
cada e começaram os rapazes a remar para ella.
Eu estava no leme.

O Chico Manduca em lugar de arpoar o filho-
te primeiro, não, arpoou a baleia.

A bicha logo que sentio o ferro nos costados,
mandado por mão de mestre, deu um urro, meu
São Bom Jesus de Iguape, que parecia que o
mundo vinha abaixo.

Deu um esguicho damnado, e sahio n'um

desespera por este mar de Deus afora, dando ra-
bamdas á valer.

A *Gaivota* gemia, e nós todos, menos o Chico
Manduca, estavamos branquinhos *que nem* pol-
vilho.

Na proa da balleira levantou-se uma mon-
tanha d'agua que mettia medo.

O Manoel Tijucano virou-se pr'o Chico Man-
duca e disse:

O' Chico, é melhor cortar a espia pois a ba-
leira não aguenta!

Qual, Mané, a baleira é forte e a bicha de-
pois d'esta *corrida* está já bem cansada.

Não tinha passado tempo nenhum, que o
Mané tinha fallado, quando a *Gaivota* estalou e
desconjuntou-se toda.

Só ouvi o grito de Nossa Senhora e não vi
mais ninguém.

Aguntei-me n'uma taboa e assim fiquei a
boiar atoa até que quasi ao anoitecer, passou
uma canoa um pouco distante d'onde eu estava:
gritei e o moço me salvou.

Levou-me p'ra Arvoredo, pois, eu estava
todo ferido e encarangado, e hoje aqui me trouxe.

Perguntei a diversos pescadores se tinham
encontrado, embora morto, algum dos rapazes,
mas, nada, só encontraram os restos da *Gaivota*
a boiar, e nada mais...

Que vida desgraçada é a nossa, meu Deus!
miseria... miseria!

Agora rapazes, ajudai-me a arrastar estes
ossos até a casa do compadre Sebastião.

E lá foi o Zé Pulcheria a se arrastar, maldi-
zendo a sorte e a chorar a morte dos amigos,
enquanto que o grupo de pescadores dissolvia-
se silencioso.

CAPITULO IX

Nunca mais a alegria brilhou no rosto
gélido de Anninhas.

Hia todas as tardes até a Capellinha pedir
N. S. da Conceição o descanso eterno do seu
nunca esquecido marido, e pela saúde e desen-
volvimento de sua adorada filhinha.

Passaram-se assim os dias, os mezes e
dous annos faziam que as ondas verdes d'aquelas
costas haviam tragado o sympathico Chico
Manduca e seus companheiros.

Estamos na Capella.

De joelhos junto ao altar Anninhas orava
de olhos baixos.

A seu lado, a graciosa Princeza com um
cincho a contornar-lhe a cintura, olhava para
dos os lados com seus olhinhos vivos e feiticieiros.

De uma das paredes pendia prego-lo em um
cruz um Christo, cujo semblante lívido e res-
gnado infundindo respeito, provocava sym-
thias.

A menina segurando com seus dedinhos
de rosa o queixo descarnado de sua mãe, e
pontando para a Cruz, disse em uma interessan-
te linguagem infantil: Mamã! mamã! olha Pa-
ali, não é?

(Continua)

O rei dos comilões

Escrevem-nos de Paris, em data de 22 de Dezembro último:

«E' hoje um dos triumphadores de Paris, este homem, de 34 annos, que come tudo, engole este mundo e o outro, e ainda depois de encher o bandulho com cobras, sapos, pedras, etc., uiva de fome!

Fomos vel-o ha dias na feira de Menilmontant. Feio bicho! E sabem qual era o menu do imogão no dia em que o visitámos?

Entrée — Allumettes chimiques, de Bouchon; une éponge, ch. rbon de bois, une douzaine de clous, un verre de marchand de vins (non pilé), un demi-litre d'encre, cinq cents grammes de meu de bœuf.

Plat de résistance — Un rat vivant tout entier, deux auguilles, une grenouille ou un crapaud, une bougie allumée, un cigar allumé, une couleuvre, petit tas de cailloux, une mortre et sa chaîne.

Que grande alarve! ha de exclamar o leitor. Mas esse brutamonte come verdadeiramente tudo isso?

Sim, meus caros amigos, come tudo isso... e mais alguma coisa!

Entrámos na barraca. O empresario, um tal Mr. Michel, explicava ao publico:

O meu phenomeno custa-me um dinheirão, sobretudo por causa dos ratos vivos que elle come. Todos os dias engole uma média de 40 ratos e cada um destes animaes, bem pouco interessantes, custa-me 25 centimos. Felizmente a policia prohibiu-lhe os ratos! E' um alivio para a minha bolsa de empresario, mas que desespero para o meu phenomeno, privado do seu manjar favorito!

Por detrás d'um pequeno palco improvisado ouviram-se tres pancadas, o signal convencional da abertura do espectáculo. E, tendo subido o panno, appareceu o comilão.

O homem está dentro de uma gaiola de ferro, quasi n'hum, tolo pintado de negro. A sua face tem um ar bestial. No nariz, furado nas narinas, vemos uma pena de galo enorme.

O *barman*, o empresario da barraca, principiou a sua apresentação.

— Meus senhores! tenho a honra de lhes apresentar o celebre chefe selvagem Rarako, o ultimo caraiiba.

Este selvagem foi trazido da Africa pelo explorador Stanli e a sua tribu é toda composta de a-tropophagos!

O phenomeno soltou um berro.

— E' o grito do deserto! explicou o empresario.

E depois um rapaz trouxe-lhe o começo do phenomeno alimogão. E na nos-a tremie o bruto principiou a engulir ratos e sapos, a comer carvão, uma mão cheia de grossos pregos, um vela, dois pedregulhos enormes, um relógio de chumbo e tudo acompanhado de gritos de alegria!

O animalajo mastiga o carvão como nós comemos um bolo. Deram-lhe um copo, que elle quebrou e com os dentes ali em frente a todos e enguliu depois todos os pedaços.

O empresario fez notar ao publico:

— E notem, meus senhores, que o meu selvagem não tem os dentes todos. Faltam-lhe tres dentes queixaes,

imaginem o que elle não devoraria se tivesse os dentes todos!

Rarako manifestou desejo de beber e trouxeram-lhe um litro de tinta de escrever, que o nosso selvagem bebeu de um trago.

Depois de ter bebido a tinta apeteceu-lhe de novo um rato vivo, que comeu tranquilamente, como se fosse um apeteçido morango.

Segundo nos pareceu, o rato mordera-lhe a lingua e por isso o nosso selvagem vomitou um pouco do que tinha comido. Mas, de joelhos com o focinho negro no chão, comeu de novo tudo quanto vomitara!

Escusado será accrescentar que o comilão selvagem constitue hoje uma das grandes curiosidades da feira de Menilmontant.

PRIMAVERAS

Fez annos hontem o cidadão Francisco Fernandes Coelho.

Seguiu para Porto-Alegre, em cuja estação telegraphica vai servir, o nosso conterraneo telegraphista de 3ª classe Jovino Cardoso da Costa.

Segue para S. Paulo o nosso amigo João da Silva Ramos.

BELLEZAS FEMININAS. — Lindissimas cabeças em chromo-lytographia — GABINETE SUL-AMERICANO.

PARNASO

MOTE

Nas azas da viração

Recchemos as seguintes

GLOSAS

Vagam suspiros de amores
pela serena amplidão,
voa o perfume das flores
nas azas da viração,
desmaia a tarde formosa,
geme a rola carinhosa
da matta na soledade;
toma o Bardo a meiga lyra
e no canto que suspira
longe vai terna saudade.

Brasília Silva.

Assim como um ai sentido,
nascido do coração,
morre de chofre, perdido
nas azas da viração;

da juventude os encantos,
que o amor povoa de cantos
seductores e risonhos,
com o tempo fogem tambem,
e na immensidade... além
se escaem dourados sonhos.

Semiramis.

Nasceu-me no coração
Terno e doce sentimento...
E fugiu-me um pensamento
Nas azas da viração.
Transpondo as aguas do mar,
Foi além presto contar
As penas de meu retiro
Ao amado bem ausente...
E num anseio dolente
Mandei saudoso suspiro!

Julinda.

Enlutado o coração,
Desfaz-se em ais, em gemidos
Que vão ao longe, perdidos
Nas azas da viração.
Tanta alegria na terra!
Reverdece o prado e a serra
Veste-se de luz e flores...
Mas, ai de mim! já não goso;
Em minh'alma, sem repouso,
Volteiam magoas e dores.

Um profano.

Para o proximo numero temos o seguinte

MOTE

A dôr que mais acabrunha

INDICADOR

FLUORISINA

Contra a excessiva secreção do humor vaginal, que se reconhece por uma constante humidade na *vulva* e partes exteriores.

Usa-se: uma pitula pela manhã e outra á noite, dissolvida em 1/2 calix d'agua.

Preço 2.000

Vende-se nesta capital na

Pharmacia de Elysen & Filho

RUA JOÃO PINTO N. 7

ANNUARIO DE SANTA CATHARINA para 1901. — A' venda no GABINETE SUL-AMERICANO.

FOLHETIM

(32)

Teixeira e Souza

MARIA

A MENINA ROUBADA

Pachola não tinha dinheiro na occasião, e o vendedor queria o dinheiro á vista. Em tal caso Pachola prevendo que podia vender o pequirá por trinta ou vinte e cinco mil réis, offereceu-se para o vender, e esta offerta foi acceita. O vendedor, segundo as instruções de seu senhor, perguntou quando e onde iria vender o cavallinho. José respondeu que na es-talagem da Venda Grande, e no domingo seguinte.

Todavia no dia marcado apresentou-se o Pachola com o pequirá para vender, e já o tinha justo por trinta mil réis, quando appareceu o sr. Estevão que pondo-lhe a mão a golla da jaqueta, perguntou-lhe:

— O negro, de onde tiraste este cavallo?

— Meu senhor, tornou o Pachola, este cavallo deram-m'o para vender.

— Quem?

— Um seu escravo.

— O ladrão... pois os meus escravos vendem cavallos? Não é de balde que se diz que tu es um grande ladrão!

— Ladrão eu! eu ladrão!... Meu senhor não sabe com quem fala.

— Falo contigo, ladrão!

Ao mesmo tempo apparecem Pedro Mandigueiro, com o escravo do Juiz de Paz. O sr. Estevão, tendo dado, por sua conta, algumas bofetadas no Pachola, só o largou depois de bem amarrado; e assim amarrado, como um porco, foi mettido em um tronco. O sr. Estevão, seguido do escravo, foi para a casa do juiz de paz dar a sua queixa, e justificar a sua propriedade.

XXI

OUTRA VINGANÇA

B m dizia uma matrona, que conhecemos, se-uhora bem respeitavel pelas suas qualidades. Esta senhora costumava sempre a dizer, que não acreditava em juras de amantes e jogadores. Pelo lado dos amantes o sr. Estevão nos prova a verdade do dito de tal matrona.

No capítulo decimo de nossa historia viu o leitor o sr. Estevão sahír da casa de Laura tremula, medroso, e todo arripiado, gritando — «Basta!... Misericórdia!... misericórdia!» — e quem ouvisse isto, julgaria que o nosso homem ficaria dalli por diante detestando a sra. Thereza para nunca mais querer saber della. Ora, dizeis; não vos parece assim? mas, quid! Vejamos.

Dois ou tres dias antes da conversa que teve o Mandigueiro com o sr. Estevão a respeito do Pachola, acerton o sr. Estevão de encontrar-se por acaso com a sra. Thereza. Aquelles cabellos negros prenderam ainda mais o amor do moço; aquelles olhos onde brilhava o fogo do amor inflammaram-lhe mais o coração apaixonado; aquelle rosto bello e

voluptuoso, aquelle corpo engracado, enfim, aquelle todo, tão cheio de encantos, despertou um tropel de paixões no coração do sr. Estevão. O diabo do teimoso, que se não podia resolver a esquecer-se da sra. Thereza, com uns quebrados de olhos, cheiros de amor, disse-lhe:

— E' possível que uma mulher tão bella tenha um coração tão máu!

— Sr. Estevão, tornou-lhe a caprichosa moça, é preciso que se desengane... Quando eu não tiver pão onde estou, prefiro recebê-lo do homem mais ordinario do mundo... de um negro até... a pedir-o á porta em porta, do que recebê-lo de sua mão!

Esta descommunal e audaciosa resposta foi seguida de um longo escarro, e de um rude virar de costas.

De passagem: esta resposta não é la muito para louvar-se. A melhor e mais eloquente resposta que uma senhora grave deve dar a uma declaração é o voltar costas ao atrevido, sem gestos, sem palavras, e sem rudeza. No caso de se tornar elle pertinaz e impertinente, como o sr. Estevão, o melhor meio é evitá-lo a toda custo; mas nós desculpamos uma moça, que timbrava de ser honesta (e o era) que aborrecia a um demonio, que a importunava sempre, accrescentando que sua educação não era ta muito fina e muito cuidado.

O sr. Estevão ouvindo esta terrivel resposta, fez: — Ah? ... e depois de a contemplar em silencio por algum tempo, disse.

— Deixa-te estar, malcriado... marquinha do judas do inferno, que tu me pagarás... Juro por es-

GABINETE SUL-AMERICANO

GRANDE BARATILHO EM LIVROS UTEIS E AGRADÁVEIS

É BOM LER E TOMAR NOTA

A' 500 RS.

Graziela, Lamartine.
 Último dia de um condemnado, V. Hugo.
 Patria, M. Leal.
 Apparições, I. Tourgueneff.
 Os Escravos, C. Alves.
 A Caridade, Mendes.

A' 700 RS.

Mentiras; Lili, Tutu, Belette; Os Páris; Abba-de-de Favières; Um casamento no Mosteiro; O amigo Fritz; Paulo e Virginia; A noiva do cadete; A procura de noiva; Dama dos 3 espartilhos; Namora o sem ventura; Lanterna mágica; A visinha do poeta; O poeta da ruína; Vingança de mulher; Burro do sr. Martinho; Magdalena; Paixão e odio; Motta Coqueiro; Vereda das ameixas; A creoula; Vingança corsa; Ubir-jara; A montanha do diabo; Parisienses; Vogando; Marinheiro; Patu da Gazella; Confissão de Carlina; Sua Magestade o Amor; Os reis no Exílio; Soror Philomena; Tristeza à beira-mar; Divida de odio; Aranha vermelha; A Evangelista; Ao entardecer; Odio antigo.

A' 1\$ E 1\$500

Aos Monarchistas, A. Celso.
 O vinho do Porto, Castello Branco.
 Uma tragedia no Amazonas, R. Pompeia.
 Contos de Paqueta, Azurara.
 General Carlos Ribeiro, Castello Branco.
 O Dr. Par eiras, J. Sandeau.
 Os Jesuitas, Godinet.
 Zina, C. de Abreu.
 Heroidas, Vega.
 Libello do Povo, A. Fialho.
 Harem, F. Bocayuva.
 Processo Vieira de Castro.
 Envelhecer, C. Cordeiro.
 Geometria pratica, A. Borges.
 Grammatica, B. de Almeida.
 Geographia da infancia, Lacerda.
 Arithmetica elementar, Trajano, (1\$800).
 Victor, drama.
 O festim de Balthazar, Farça.

A' 2\$ E 2\$500

Amores de um voluntario, R. Figueira.
 Historia da fundação da Republica, A. Fialho.
 Cartas monarchistas, P. Barros.
 Rimas de Outeira, A. Celso.
 As Infernaes, Mario de Artigão.
 Lysandro, L. Visual.
 Frondes, Bento Ernesto Junior.
 Methaphysica do Amor, Schopenhauer.
 O homem conforme a sciencia, Buchele.
 Vida aldeã, B. Ernesto Junior.
 Luciola, J. de Alencar.
 Rôsto e Coração, M. Moreira.
 O advento da Republica, O toni.
 Um terço do seculo, A. Fialho.
 Vergastas, Lucio de Mendonça.
 Mysticismo, Max Nordau.
 Lasthenia, C. de Faria.
 Ultimos harpejos, S. Romero.
 Os rins na febre amarella, Lacerda.
 O casamento civil, Uflacker.
 Eleitor brasileiro, um advogado.
 Orador popular.

Guarda livros popular, Monteiro.
 O francez para recreio.
 Economia politica, Villalobos.
 Manual do Saboeiro.
 Astronomia, Jansen.
 Botanica.
 Chimica.
 Festas nacionaes, R. Octavio.
 Sonhos funestos, drama.
 Joven Telemaco.
 Barbeirinho de Sevilha.
 Magdalena.
 A Jadia.
 Minhas memorias, N. da Gama.
 Epochas e Individualidades, C. Bevilacqua.
 Novo governo da Republica.
 Geographia geral, Selim.

A' 3\$000

Bella Rosa, A. Achard.
 Imagens e Visões, L. Rosa.
 A Capital Federal, A. Ribas, (Coelho Netto).
 O Culto do Dever, Macedo.
 Por bem fazer mal haver.
 Historia do Cêrculo de Diu, L. S. Coutinho.
 A vida burgueza, A. Oliveira.
 Ideias e phantasias, V. de Castro.
 Escriptores e escriptos, V. de Magalhães.
 No paiz dos Yankees, A. Caminha.
 Os Lusíadas, Oliveira Martins.
 Os Palmares, J. Velho.
 Missal, Cruz e Souza.
 José de Alencar, Araripe Junior.
 Pimentões (rimas do «Filhote») Puffe Puck.
 Blocos, Isaias de Oliveira.
 Lupe, A. Celso.
 Notas e ficções, do mesmo.
 Advento da Dictadura, V. de Ouro Preto.
 Bilhetes Postaes, Coelho Netto.
 Memorias de Judas, P. de La Gattina.
 Fastos da Dictadura, Frederico de S.
 A queda de um anjo, C. Castello Branco.
 A Normalista, A. Caminha.
 Magdalena, Escrich.
 Contos em lapidações, Ignez Sabino.
 Lucta civil brasileira, Cunha e Porto.
 Rhapsodias, Coelho Netto.
 Abelair et Heloyse.
 Arte de formar o homem de bem.
 » » fazer fortuna.
 Cartas de Sinhá Miquelina, E. Gama.
 Auctoria collectiva e cumplicidade, E. Lobo.
 Manual do perfumista.
 Compendio da lingua italiana.
 Corographia do Brasil, Villalobos.
 Curso primario de mathematicas, A. Reis.
 Dicionario grammatical, J. Ribeiro.
 Geographia elementar, S. Lobo.
 Lições de geographia, Canés.
 Amelia Schimidt, Taunay, drama.
 Molero de Alcalá.

A' 4\$000

Inverno em flôr, C. Netto.
 Do dominio da União e dos Estados, R. Octavio.
 A sereia, X. de Montepin.
 Scenarios, C. Dias.
 Othilia, V. Aguiar.
 Guerra dos Mascates, J. M. Macedo.

Processo da Monarchia Brasileira, A. Fialho.
 O armeiro de Milão.
 Viagens, David Livingstone.
 Horas alegres, V. Magalhães.
 Uma separação, Pyerebrune.
 Menina e Moça, B. Ribeiro.
 D. Luiz de Portugal, Castello Branco.
 O Porto na berlinda, Pimentel.

A familia Medeiros, Julia Lopes de Almeida.
 O Rei phantasma, Coelho Netto.
 Dom Tarouco, Ramalho.
 Os mundos imaginarios, Flammarion.
 Machado de Assis, S. Romero.
 Origens republicanas, F. Duarte.
 O Evangelho segundo o espiritismo, A. Kardec.
 Caricias, G. Redondo.
 Reminiscencias, padre João Mancel.
 A guarda nacional e a Revolução, C. Soromen.
 Bom crioulo, A. Caminha.
 Paraíso de Mahomet.
 O cuido das crianças, Kneipp.
 Grammatica franceza, E. Sevene.
 Pontos de geographia e corographia, M. Pinto.
 Triste viuvinha, drama.
 Theatro no campo.

A' 5\$000

O Encilhamento, Heitor Malheiros.
 Notas de um revoltoso.
 A carteira de Satin, (magica), D. de Castro.
 Narrações do Infinito, C. Flammarion.
 D. Jaym, Thomaz Ribeiro.
 Ephemeris, A. Carvalho.
 A Capelinha, A. Daudet.
 Magdalena, P. Kock.
 Chiquinha Mascotte, V. de Castro.
 Um invejado, A. Celso.
 Um escandalo, Arthur Lobo.
 Marechal de ouro, H. Caldas.
 Como me tornei kneippista, V. Taunay.
 Lições de direito civil, Severino Prestes.
 Fontes de riqueza, U. da Silveira.
 Lições de literatura nacional, Cacilda de Souza.

A' 6\$000

Mentiras convencionaes, Max Nordau.
 Patria, G. Junqueiro.
 Democracia Representativa, Assis Brasil.
 Notas therapeuticas infantis, Dr. Du Prat.
 Código penal, Uflacker.
 Jucunda, comedia.

VIARIOS PREÇOS:

Nocturnos, G. Crespo	8\$
Os Estroinas de Paris, X. Montepin	15\$
Historia dos Coitadinhos celebres, P. Kock	43\$
O barbeiro de Paris, » »	9\$
A Estalagem dos 13 enforcados » »	12\$
As 12 espadas do Diabo » »	8\$
Historia das cortezas celebres » »	30\$
Os Intrujões » »	7\$
Os anjos da terra, Escrich	15\$
Voluntarios do Martyrio, A. Dourado	8\$
Minha filha, A. Celso	8\$
Historia de Portugal, Oliveira Martins	8\$
Clinica medica, Dr. Fajardo	8\$
Novo advogado do Povo, Vasconcellos	16\$
Diccionario francez, P. Larousse	8\$

Balas de estalo — Collecção de versos para bailes, baptisados, casamentos, jantares, etc. Collecção 2\$500.

 SÓ À DINHEIRO

10B — RUA TRAJANO — 10B